



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO- BRASILEIRA - UNILAB
GRADUAÇÃO EM BACHARELADO EM HUMANIDADES**

JOSELITA GONÇALVES DOS SANTOS BORGES

ESSA É A MINHA FILOSOFIA

**SÃO FRANCISCO DO CONDE
NOVEMBRO - 2018**

JOSELITA GONÇALVES DOS SANTOS BORGES

ESSA É A MINHA FILOSOFIA

TCC apresentado juntamente com material audiovisual de mesmo título ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira - Unilab, realizado sob orientação da Professora Dra. Elizia Cristina Ferreira e co-orientação da Professora Msa. Marise Urbano, como requisito parcial para obtenção do título de bacharela em Humanidades.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE
NOVEMBRO – 2018**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

B732e

Borges, Joselita Gonçalves dos Santos.

Essa é a minha filosofia / Joselita Gonçalves dos Santos Borges. - 2018.
24 f.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2018.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizia Cristina Ferreira.

Co-orientadora: Prof.^a M.^a Marise da Silva Urbano Lima.

1. Negras - Salvador (BA) - História. I. Borges, Joselita Gonçalves dos Santos -
Biografia. II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 920.72

JOSELITA GONÇALVES DOS SANTOS BORGES

ESSA É A MINHA FILOSOFIA

TCC apresentado juntamente com material audiovisual de mesmo título ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira - Unilab, realizado sob orientação da Professora Dra. Elizia Cristina Ferreira e co-orientação da Professora Msa. Marise Urbano, como requisito parcial para obtenção do título de bacharela em Humanidades.

Data de aprovação: 25/10/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Elizia Cristina Ferreira

Professora orientadora

Prof.^a M.^a Marise da Silva Urbano Lima

Professora co-orientadora

Prof.^a Dr.^a Eliane Costa Santos

Professora examinadora

Prof.^a Dr.^a Cristiane Santos Souza

Professora examinadora

RESUMO

Trajetória de vida de Joselita Gonçalves dos Santos Borges (Dona Joca).

Palavras-chave: Borges, Joselita Gonçalves dos Santos - Biografia. Negras - Salvador (BA) - História.

ABSTRACT

Life trajectory of Joselita Gonçalves dos Santos Borges (Dona Joca).

Keywords: Black women - Salvador (BA) - History. Borges, Joselita Gonçalves dos Santos - Biography.

SUMÁRIO

1. Essa é a minha filosofia	04
1.1 Trajetória de vida - Quilombo Dom João – Unilab	04
1.2 Educação	06
1.3 Filosofia do Samba	09
1.4 Candomblé e a sacralidade do mundo natural	10
Posfácio	15
Referências	20

Essa é a minha filosofia

É preciso não ter vergonha de suas origens e ir em busca da história que ainda não foi escrita (...) dos valores que precisam ser resgatados no sentido da construção de um mundo futuro, suas diversidades étnicas, culturais e sociais; isso tem que começar a partir do lugar que estamos no mundo. (Valdina Oliveira Pinto – Makota Valdina)

Trajetória de vida – quilombo Dom João – Unilab

Nasci em Salvador no dia 25 de abril de 1957, no bairro Pero Vaz, filha de Maria Augusta Simões e Ezequiel Gonçalves dos Santos. Minha mãe era filha de São Francisco do Conde, Engenho de baixo, de religião espírita, trabalhava como catadora de cacau, café, bambu e frutas ao redor das fazendas e gostava muito de samba e festas de largo. Meu pai era filho de Sergipe, morava na cidade pequena de Ribeirinha, chegou em São Francisco do Conde em navio de carga¹ onde vinha buscar cana. Ele era do candomblé, dava o caruru do São Cosme e São Damião e rezava a novena Santo Antônio. Conheceu dona Augusta, tiveram um relacionamento e nasceram as quatro meninas, Evani, Georgina, Neuza e eu, Joselita. Depois da separação, meu pai se relacionou com Eunice “Nicinha”, com quem teve um filho chamado Antônio Jorge (que é do candomblé) e por fim terminou a vida com a minha madrasta Maria Anastácia da Silva “Dina”, com quem teve um casal de filhos Cátia e João. Dina já tinha uma filha chamada Carmem que meu pai criou como se fosse dele. Minha mãe teve outros namorados, mas não quis parir de ninguém, pois sofreu muito com meu pai.

Minha vida toda em Salvador morei com meu pai. Convivi bastante com Dina e sempre tivemos muito amor uma pela outra. Ela tinha um carisma de beijar, conversar, aconselhar. Sinto que tenho coisas dela, que ela me deu, um jeito, algo assim...

Em 2007, viemos, eu e minha mãe para São Francisco do Conde – BA por motivo doença

¹Originalmente havia escrito “navio negreiro” mantemos aqui para lembrar as tantas semelhanças ainda guardadas com o período colonial.

e morte do meu tio José Miguel, irmão de minha mãe. Ela também queria ser enterrada na sua cidade natal. Minha prima “Tina” deu um terreno na fazenda Dom João, onde ela morava (pois era pescadora e marisqueira), para ela fazer uma casa, foi daí que começamos a nossa luta no quilombo. Nossa casa era de bloco não de sapapo, como até então se costumava fazer, assim também outras foram construídas. Além disso, abrimos o terreno para vendagem das coisas que criávamos (como gaiamum e galinha) e pescávamos (caranguejos, peixes, ostras, sururu) cruas ou preparadas para o consumo. Essa movimentação atraiu a atenção das autoridades que começaram a nos perseguir, alegando que a comunidade estava praticando turismo.

Estamos lutando até hoje, esperando uma resposta do juiz Evandro Reimão da 1^o vara federal com o resultado do processo do nosso RTD, que solicitou um relatório antropológico sobre o modo vida da comunidade. Temos vários órgãos que nos apoiam ou onde buscamos ajuda e orientação, como o Ministério Público, S.P.U, M.P.P - Movimento do pescadores e pescadoras, CPP Conselho da Pastoral da Pesca, defensoria pública do estado da Bahia (na pessoa de Vilma Reis).

Muitas vezes fui à Brasília com o MPP e CPP para lutar por nossos direitos. Nessas viagens falavam para eu procurar a diretora Matilde Ribeiro que estava na Unilab (Universidade da Integração Internacional da lusofonia afro-brasileira), que seria bom para nossa luta. Por isso, em 2016 entrei no curso de Bacharelado em Humanidades. Com a chegada na faculdade tenho tido apoio junto com alguns professores.as e alunos.as. Tivemos aulas, oficinas e variados eventos realizados no Quilombo e falando do Quilombo. Fizemos recentemente uma caminhada, conduzida pelo professor Rafael Butti para falar sobre o derramamento do petróleo que nos atingiu em junho desse ano.

Está sendo uma luta difícil, mas não vamos desistir de cada passo que a gente der!

Minha chegada na Unilab foi muito importante, porque consegui resgatar minha origem e minha cultura, lembrança de meus antepassados, como fui criada, respeitando os mais velhos, ao longo do tempo minha mente foi se abrindo para outras coisas, além das que eu já conhecia, até mesmo retornar para o que eu já sabia. Quando cheguei na faculdade vi outras realidades, muito diferentes, outras visões em matérias como filosofia, antropologia, história, etc. (professores.as

Elizia, Tcham, Fabio, Paulo, entre outros). Esses professores e professoras me incentivaram a continuar essa caminhada, pois chegar até aqui, com essa idade avançada, ter que falar em público, algo que é importante, até para luta do quilombo, tem sido muito difícil para mim.

Resgatar essa memória é gratificante, recuperar essa origem de dentro para fora, trazer todo esse amuleto guardado que estava esquecido foi uma grande alegria. Não sabia o que era preconceito e racismo e lembrar minha realidade como era, pude perceber quanto racismo passei. Quando, por exemplo, ao trabalhar em casa de família, cozinhando para todos era obrigada a comer por último. Eu não percebia que era racismo, mas também nunca obedeci, eu comia antes, escondida, por achar injusto, cozinhar para todos e comer por último. Eu sempre lutei e a faculdade tem me mostrado como minha própria luta é importante e deve ser estudada, por isso, quero falar sobre ela.

Educação

Tudo que sei hoje veio da família pobre, da qual tenho o maior orgulho, meus pais e também minha madrasta. Vou contar um pouco sobre a educação que recebi.

Cresci em Salvador, nesta época meus pais moravam juntos, ao passar do tempo quando me entendi como pessoa, tive um entendimento das religiões dos meus pais (Candomblé e Espiritismo) que por eu ser a caçula eu frequentava. Evani, minha irmã mais velha também era do Candomblé, vivi muitos anos com ela por isso minha educação foi no terreiro. Participava de todas as obrigações, usava as vestimentas. Com o passar do tempo comecei a me dedicar a reza Santo Antônio e me tornei uma rezadeira, foi um orgulho grande para meu pai. Depois aprendi a cozinhar e passei ajudar meu pai a fazer caruru que ele dava todos os anos, em 29 de outubro. Eu tinha vários trabalhos, vendia galinha nos bairros da Ribeira, Bonfim, Massaranduba. Também vendia na feira do curtume, na feira de Água de meninos. Tudo fazia para realizar o sonho do meu pai que era me formar como professora primária. Fiz o segundo grau, depois o magistério no colégio Nossa Senhora de Nazaré. Foi então o maior orgulho de meu pai.

Ao levantar pela manhã da cama tínhamos que fazer nossas obrigações, primeiro rezar,

depois pedir a benção aos pais.

Se por acaso caso aparecesse alguma visita em casa tínhamos que sair da sala, ir para quintal. Bastava só os olhares dos pais, já sabíamos o que tinha que fazer, ir correndo para o fundo do quintal, não ouvir conversa dos mais velhos.

Se não pedíamos a benção aos mais velhos, eles faziam queixa e nós apanhávamos na frente daquele que se queixava. Às vezes o “muxoxo” (fazer sinal com a boca levantar a cabeça para cima) era a mesma coisa de responder com má criação. Por isso, bastava isso e tomávamos tapas, sem esperar, na boca, às vezes quebrava a boca.

Os castigos incluíam ficar de joelho com os braços abertos e com milho de baixo do joelho, ou de joelho com a cara na parede e não podia olhar pros tios. Quem fizesse xixi na cama ele fazia sair com o lençol enrolado como uma trouxa na cabeça e arranjava outras crianças para ficar gritando: “olha a mijona!”.

Nossos pais também nos obrigavam a ajudar os mais velhos. Na feira devíamos carregar as sacolas, acompanhar quando eles iam ao mercado, tinha que dar a mão para segurar o velho, ainda por cima tinha que carregar a sacola. O que mais eu reclamava era quando o velho segurava meu braço e ficava apertando demais eu falava com eles que ainda me batiam, quando eu contava para os meus pais eles diziam: certo, mereceu! E ficava por isso mesmo,

Não podíamos falar palavrões meus pais não perdoavam, se eles recebessem alguma queixa era uma surra certa. Meu pai dizia que mesmo se alguém te xingar você não deve devolver o xingamento, se não “você vai ser igual a pessoa que lhe xinga”, nos falava.

Meu pai também dizia para não procurar briga se você não aguenta, se a gente procurasse brigar, tinha que resolver. Não era para chegar com problema em casa. Se meu pai soubesse que eu apanhei, quando chegava em casa, certo que eu apanhava dele novamente, mas se eu ganhasse na briga era certo que ele me elogiava, mas dizia que era feio mulher ficar brigando, isso era pra homem.

Pegar algo da pessoa sem autorização e depois sair com o que pegou era certo uma surra, ia levar de volta e contar a pessoa o que fez e depois pedir perdão ao mais velho. Se eu ganhasse

alguma coisa da pessoa, tinha primeiro que falar com meu pai, quem foi que me deu, antes de aceitar.

Os mais velhos também falavam que deveríamos voltar com a mesma pessoa que saímos. “Vai com fulano, tem que voltar com o mesmo fulano”. Também era rigoroso o horário de sair e de chegar. Não podia chegar atrasado e nem sair sem pedir porque não saia mais. Também perdíamos a confiança deles se não obedecêssemos ao horário, isso era prioridade para meus pais e também com quem a gente ia. Ele sempre usava o ditado. “Olhe com quem andas que te digo quem você é”. Seja mulher ou homem não podemos deixar perder a confiança e o respeito, sem isso não somos nada.

Se alguém mandasse a gente fazer algo, meu pai dizia que não deveríamos obedecer, não ir no caminho dos outros, que devemos andar com nossos pés, nosso próprio seu caminho. Isso é algo muito importante para mim.

Quando a gente ia para alguma festa pública, de largo, como a de Boa Viagem, Conceição, Iemanjá, etc. quando chegávamos no local deveríamos procurar o mato, ou a praia mais próximo e pedir licença, a benção e proteção para permanecer na festa. Muitas vezes, nesses eventos tinha briga e outras situações de risco então pedíamos que nos guardasse de tudo que era mal para que nada nos acontecesse.

Meus pais também diziam que quando começássemos algo tínhamos que terminar e não passar nossa tarefa para ninguém, pois podia “cortar sua sorte” como meu pai costumava falar. Se fosse, por exemplo, limpar a casa e não pudesse continuar naquele momento, tinha que deixar tudo preparado para terminar quando pudéssemos.

Pedir licença para botar o pé dentro da água, pegar qualquer planta para remédio ou tomar banho de folha, fazer isso dentro de um determinado horário, era muito importante também. Por exemplo, depois das 6h da tarde não podia entrar no mato, tirar as folhas.

O castigo para quando não obedecíamos os conselhos dos pais era: primeiro ficava nua, apanhava com reio de bater em cavalo, depois jogava água com sal no corpo, para ver onde estava os “lapos” (cortes). Caso tivesse algum corte muito aberto, meu pai pegava a folha de

bananeira, expelia aquele líquido que cicatrizava e então colocava o pó de café. Eu gritava muito, mas depois passava a dor.

Tive três filhos Fábio, Fabiano e Ezequiel, eles chamavam o avô de pai e minha madrasta de mainha. Meu pai nunca quis que batesse neles como ele batia na gente.

Agradecimento: não tenho nenhum arrependimento do que passei com meu pai foi uma educação que hoje tenho orgulho de mim, cabeça erguida, nunca roubei, fumei, não me prostitui, tive uma vida boa por aprender a trabalhar junto com meus pais, isso é muito importante, a educação que tive passei para meus filhos.

Hoje se fala muito da lei 10.639, mas para mim, essa lei para gente já existia em nossa educação dentro de casa e no candomblé.

A filosofia do samba

Gostaria também de falar do samba que conheci dentro do candomblé no bairro Curuzu. Falar da minha vida no samba trazer de volta tudo o que foi deixado para trás. Para mim, samba é liberdade, amor, alegria, sorriso, felicidade. No samba encontra-se com espiritualidade, com Deus. No momento em que estou sambando eu sinto que estou em outro mundo, como se tivesse flutuando, como um passarinho com a liberdade para fazer o que eu quiser, como um balé. O Samba me leva para outro lugar, onde muito tem espaço, em que posso trabalhar com meus pés, com minhas mãos, com meu corpo. Cada volta, cada gingado, cada balanço, a terra batida entrando nos pés, a palma, a música, os quadris, cada rebolado, cada movimento, a gente se acha, a gente se encontra com a gente mesmo, noutra dimensão.

Samba para mim está ligado com nosso sagrado. Eu aprendi o samba dentro do candomblé junto com as batidas do tambor. Quando tocava, a gente sentia o som de dentro para fora muito forte e encontrava com a espiritualidade dos orixás, nas batidas das palmas, no canto, no trincado da faca no prato, quando os pés no chão sentem a terra entrando pelos dedos.

O samba também está nas rezas. Aos dez anos meu pai me ensinou a ser uma rezadeira de

Santo Antônio, passei todos os anos a rezar em minha casa. Eram 13 noites, cada noite tinha que ser servido um prato diferente (mugunzá, arroz doce, pipoca com coco, bolo, vários tipos de licor, pamonha, lelê, mugunzá cortado e salgado, mingau, entre outros) e no último dia acontecia o samba. Além disso, também tinha o caruru grande no último domingo do mês de outubro, para São Cosme e São Damião, eu tinha prazer de fazer, cortar os quiabos, ter a casa cheia de crianças era a maior alegria.

Por tudo isso é que vejo o samba como uma filosofia por meio da qual podemos aprimorar qualquer movimento e atingir um resultado em diferentes e inovadores sentidos, tal como o gingado, quadris, corpo, pés, mão. O método do samba era para os negros uma forma de resistência, minha mãe me dizia que eles podiam apanhar como fosse, mas não choravam, faziam samba. Quando alguém morria, o choro era o canto. Até hoje é difícil num enterro de candomblé ou de alguém do samba as pessoas estarem em lágrimas. O samba é uma cultura que vem de vários povos e com ele conseguimos definir quem somos, nele encontramos a realidade da nossa vida comum, cada batida, cada encontro das mãos tem uma referência dos ancestrais (principalmente os orixás), nele encontramos fortalecimento.

Candomblé e a sacralidade do mundo natural

O que são os candomblés? O candomblé também é um modo de vida, culturas de saberes e práticas no seu sistema de crenças vivenciadas. Muitas coisas da minha educação hoje eu vejo que vieram de lá. Quando li o texto de Fu-Kiau sobre a sacralidade do mundo natural percebi também que muitas coisas do candomblé vieram dos povos bantu. Sabemos pouco sobre as nossas heranças africanas que fazem parte de nossas identidades. Essa cultura é força no território brasileiro e devemos pensa-la com a sinceridade que ela merece. No meu modo ver essa herança me foi tirada brutalmente, foi espiritualidade que tinha essa raiz que crescia dentro de mim. Referência de identidade arrancadas!

No meu tempo frequentávamos as igrejas na Liberdade, São Cosme, São Damião, Santa Bárbara, São Lázaro, São Roque e isso fazia parte do Candomblé. A gente frequentava para agradecer aos santos, nas festas deles íamos antes distribuir pipocas, queimados, pagar

promessas de curas. Saíamos com tabuleiros enfeitados com o santo em cima e com o balaio de pipoca para distribuir na rua, batíamos nas portas das casas e também as pessoas botavam as suas moedas para demonstrar seu compromisso com o santo. Com o dinheiro arrecadado era comprado os materiais para fazer outros rituais como ir para a porta da igreja de São Lázaro dar banho de pipoca nas pessoas, para limpeza.

Meu pai um homem do “*candombré*” (como se diz) e no candomblé a gente tem que fazer nossas obrigações, como por exemplo, dar um caruru. Para fazer isso a gente tinha que ter um lugar sagrado para botar a comida pra São Cosme e São Damião. Tinha que procurar um lugar limpo. A gente tinha que ir pra dentro das matas procurar esse lugar para colocar os nagés com todas as coisas de comida para o santo, mas, sempre antes de 18 horas, não podia botar depois e tinha que ter o cuidado para sair da mata antes desse horário também. Se não cumprisse isso, não se considerava consagrado, o pedido não era atendido, o santo não aceitava. Quando distribuía o caruru para os sete meninos a gente cantava “comeu, comeu, comeu meu caruru, amanhã tem que pagar”, enquanto suspendia o prato sete vezes. Subindo e descendo.

Para pegar as coisas do mato, tinha instrução dos orixás. Ninguém pega uma folha se o orixá não mandar você pegar aquela folha pra fazer uma cura, para fazer um remédio para fazer um banho. Para isso tem que ter o horário, o respeito de estar ali, de 18 horas em diante não pode mais.

Existe um encanto, pois às vezes se a gente fosse pegar a folha naquele horário que não podia, a gente não encontrava. Ficava rodando, até se perdia no mato, pois não era o momento para gente pegar aquela folha. Esse encanto, a gente chama de *Caipora*, para entrar no mato a gente tem que ir com o raminho, o dente do alho, com o fumo e pedir licença. Não podemos andar no mato de qualquer jeito. Conversando, batendo papo, se distraindo não. Que a caipora tá ali, pode tirar você do seu trajeto. Ali é um lugar de respeito. Temos que pedir licença, principalmente se a gente for buscar alguma coisa que a gente vai se alimentar. Uma vez aconteceu comigo, fui mais Zé, meu marido, para pegar gaiamum na fazenda Engenho d'Água, onde ele nasceu, para chegar num lugar próprio são uns dois quilômetros dentro da mata, no caminho entrei um pé de limão carregado, coisa mais linda, todo pendurado de limão, posso até sentir o cheiro, me distrai enchendo um saco de limão, peguei meio saco. Zé me chamou para ir

embora e eu não ouvi então ele foi e me deixou lá. Quando eu procurei Zé e não encontrei comecei a chorar, chorar e me perdi mais. Chorando, chorando, chorando. Cadê? Cadê? Teve uma hora que eu me lembrei que a gente precisa se concentrar, ter atenção, então comecei a ouvir a “zuada”, o latido de cachorro: Au Au Au Au! E comecei a me guiar, ia para lá, ia para cá, ia para o lugar, procurando a direção e concentrada, não olhava para mais nada. Quando sentia que o som do latido estava mais alto eu ia, até que eu cheguei chorando e esse homem ficou dando risada da minha cara. Chorava porque eu estava perdida, não conseguia me achar. A gente tem que parar, se concentrar se não você se perde. Porque você não sabe no mato para onde está o norte, o sul, o leste, o oeste e então você se perde ali dentro, se não se concentrar mesmo. Você entra por um caminho do qual não sabe sair. Por mais que seja pequeno o lugar você não consegue. Por isso, precisamos ter muita sabedoria dentro da mata.

Também tínhamos outros rituais para entrar no mato, no mar, para levar oferenda, para fazer limpeza. Por exemplo, a gente sempre usava um pano na cabeça, um vestido branco, a sandália apropriada para aquilo que seria feito ou então ia descalça, a mesma sandália que usava na rua não era usada para fazer as obrigações. Porque era um tipo de respeito, a gente não andava no mato sem um chinelo, mas tinha momentos, como o de fazer algumas oferendas, que a gente ia descalça. Por isso a gente tinha que saber o que estava fazendo. As coisas do caruru, o resto do corte do quiabo, as peles da galinha, o resto da cebola, do camarão, os restos de feijão, colocávamos tudo num saco branco e colocava no mato, como uma oferenda mesmo e deixava no pé de uma árvore dentro do mato. O segredo do caruru é que as galinhas tinham que ser vivas, para gente mesmo matar, geralmente a gente cuidava de uma galinha de um ano para outro. Era uma coisa sagrada. O sangue a gente cozinhava separado, junto com os pés e a cabeça da galinha e depois a gente colocava nos pratos enfeitados uma prato se levava no mato também, como oferenda e o outro para o santo. A comida do santo ficava lá por sete dias e depois ia para o mato também.

No caso de caruru de Cosme e Damião o certo era quatro pés, duas cabeças que a gente botava no prato com caruru e todas as outras coisas. O caruru tinha que ser completo, tinha coco, rapadura, os sete quiabos inteiros dentro da panela quiabo, farofa de azeite, feijão branco, feijão fradinho, feijão preto, banana da terra, cana, pipoca, queimado. Isso era sagrado, a gente tinha

que fazer e fazia com amor.

Hoje as pessoas entram na mata e não pedem licença. Isso é uma obrigação da gente: Pedir licença. Fazemos isso quando vamos na casa dos outros, batemos na porta e pedimos licença para entrar. Esse ritual que eu fui ensinada é para nos proteger, meu marido mesmo, já percebeu que nada me acontece. Quando, agora, a gente entra na mata junto, faço minha reza e peço licença a todos animais que estiverem, rasteiros, nas árvores, etc, que eu passe e eles não me enxerguem, não me vejam que na mata eu seja uma pessoa aqui invisível. Zé fica me perguntando o que é eu estou fazendo eu nunca digo a ele. Aí só vejo ele passar o facão: “Minina, aqui ó, cê num viu a cobra aqui não? A cobra de junto de você aquela coisa?”, respondo que não! Ele entra no mato, não pede licença, vê todo tipo de bicho, por isso mata muito animal, eu nunca vejo, não faço nada. Só quando acabava de passar, vejo ele matando. Isso é um respeito que devemos ter. Porque os animais no mato podem ser invisíveis. Muitas pessoas não sabem que uma cobra, por exemplo, é invisível. Ela muda de cor. Certo? Fica verde, pode até ser uma cobra, mas quando entra nas folhas ela fica verde. Você nem percebe que é uma cobra, então ela se torna invisível pra você. Por isso essa licença que a gente pede, para passar em qualquer lugar e elas não nos verem.

Tem noite aqui que a maré fala com a gente, com as batidas dos peixes, é uma coisa muito linda! Tem momento de fazer até medo, das batidas serem muito fortes. A “zoada” às vezes é tão alta, que parece que os peixes grandes estão querendo comer os pequenos, tem muita luta, muita briga, e eles ficam fazendo aqueles barulhos: “tchá” “tchá” “tchá”! Às vezes eu fico sentada naquela pedra ali olhando a noite, aquela claridade que fica na maré, aquelas águas, ouvindo essa “zoada”. Nessa hora que a maré fala com a gente, a gente conversa, os peixes falam também. Eu fico assim pensando: como será o fundo da maré? A coisa mais linda! Muitas vezes a gente não dá nem valor, muitas pessoas não valorizam a maré de onde a gente tira nosso sustento. Temos todas as espécies de peixe. Fazemos um bonito banquete, não é mesmo? Tem as melhores espécies aí dentro. Como o baiacu, temos o dourado, o vermelho, o robalo, o olho de boi, tainha, pititinga, anchova, uma maravilha! Precisamos dar o valor àqueles alimentos. Por isso a maré pra mim é uma coisa muito sagrada, uma “gaveta de memória”. Porque tem todos esses tipos de peixes e mariscos que fazem esses sons muito bonitos. A maré fala, ela canta. Isso

muitas pessoas não sabem. Só sabe dar valor quem mora perto e que tem sua crença, mas quem não tem não pode falar de um lugar sagrado que é o mar, a maré. Quando está o tempo de inverno que dá os trovões, aquelas trovoadas, é mais lindo ainda. Então eu digo: meu Deus! Fico assim pensando, meu Deus será que esse mar vai fazer uma viravolta, vai acabar com tudo? Aí eu já me entrego logo a Deus: ah meu Deus me prepara aí, porque é maravilhoso!

Posfácio Dona Joca – Essa é a minha filosofia

Ao ingressar na Universidade para cursar o Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades – BHU Joselita Gonçalves dos Santos Borges conhecida como Dona Joca causa uma revolução nessa jovem instituição em construção. Ser sua professora é uma experiência ímpar, sobre a qual eu e minhas.eus colegas precisamos refletir ainda, compreender, absorver. Já nos primeiros contatos em aula, entendi que seria um desafio, uma honra e uma grande responsabilidade. Não seria exagero dizer que nosso convívio tem dado rumos para minha atuação na pesquisa e extensão. Isso já tem gerado alguns frutos, algumas reflexões, mas carece ainda de ser desenvolvido. Falarei aqui um pouco, de Dona Joca aluna e pesquisadora e das primeiras possibilidades vislumbradas para sua pesquisa.

Desde que chegou na Unilab Dona Joca começa a manifestar um reencontro consigo, já nas primeiras aulas ela afirmava que estava “crente” (evangélica) mas que tinha todas as religiões, contava as histórias com seu pai, dos carurus, das rezas, das danças do candomblé e também de sua mãe e das sessões espíritas que ela conduzia. Quando começou a ter contato com os estudos africanos, Dona Joca passou a falar de sua “filosofia africana”. Sobretudo, a leitura de um texto que passei aos estudantes da disciplina de “Filosofia e teoria como modo vida” que ela cursou comigo, a deixou muito mexida, trata-se do artigo “A visão bantu-congo da sacralidade do mundo natural” escrito pelo pensador contemporâneo congolês Fu-Kiau. Lembro-me de que ela narrou não ter conseguido dormir quando leu o texto, de ter sido transportada para “outra realidade”, de ter entrado na floresta, na mata e ter lembrado de tantos ensinamentos (que nunca esqueceu, na verdade) de seus pais, sua irmã, suas tias e tios.

Creio que esse trabalho que ora apresentamos é apenas o início, assim como o candomblé é um poço sem fundo como me ensinou Marise (que por sua vez aprendeu com seu pai de santo), também, os ensinamentos arquivados por Dona Joca parecem não ter fim. A cada encontro para organizar o texto surgiam coisas novas e importantes, então o que apresentamos é o começo de um trabalho a ser feito, com ela, por ela e por todas.os nós que pensamos em meios de superar a colonialidade dos saberes na universidade e fora dela. Para mim, como “orientadora” tem sido

um aprendizado infindo ocupar esse lugar que por si só é marcado por estruturas hierárquicas e colonizadas e colonizadoras. A confiança depositada em mim me deixou honrada e a tomei como um sinal de posso contribuir, com todas as minhas limitações, para essa tarefa de estar na Unilab e de estar na luta anti-racista, feminista, decolonial. Veio junto com o desafio para encontrar as melhores maneiras construir esse trabalho, de forma que pudéssemos trazer a público, contribuições à altura da trajetória de Dona Joca e, sobretudo com a responsabilidade, pois, também tenho (temos) o papel de retribuir, de devolver a ela e à sua comunidade, toda contribuição que nós bem sabemos, sua presença traz para nossa instituição. Acredito ser importante para a luta quilombola que pessoas como dona Joca se apropriem do discurso científico que ainda, em larga medida, determina os rumos dos povos tradicionais, por meio das políticas públicas e das leis que intervém nessas comunidades.

Além disso, pontuo aqui brevemente, algumas reflexões inspiradas por essa etapa do trabalho, na maneira como imagino que podemos situar o pensamento de Dona Joca filosoficamente. Segundo ela mesma nos diz, ela entende que sua filosofia é africana. Essa afirmação vem com muitas implicações, pensar o que ela significa e de onde vem já nos renderia bons artigos. Sabemos que isso está vinculado à ancestralidade e a conexão com a África por conta da diáspora dos povos africanos em nosso território. Ainda está em construção no Brasil uma discussão sobre “filosofia da ancestralidade” e pouco falamos sobre uma “filosofia brasileira” que absorva esses modos de pensar, certamente o trabalho de Dona Joca contribuirá muito para essas áreas e, certamente também, nenhuma delas poderá se furtar a pensar a medida da contribuição do pensamento africano ou mesmo identificação do pensamento africano. Esse é um ponto.

No que tange a filosofia africana, pensada como aquela produzida desde o continente, há pouco temos começado a estudar (eu, inclusive, muito recentemente). Sabemos que tradicionalmente a filosofia é considerada como ocidental, então o debate sobre a filosofia africana gera inúmeros entraves que vão desde questionar se o pensamento africano pode ser considerado filosófico. Por isso a importância de nos aprofundarmos na filosofia africana de Dona Joca.

O termo filosofia africana começa a ser discutido com a invenção da etnofilosofia desde a obra do padre belga Placide Tempels “A filosofia bantu” publicada em 1945. Tempels viveu no Congo, para onde foi em missão de evangelização dos “povos primitivos”. Durante o tempo que passou lá, julgou necessário informar aos “civilizados” que “os primitivos” possuem sim um sistema de pensamento que pode ser considerado filosófico e que, portanto, nada justifica sua desumanização. Em torno de meio século separa esse texto daquele escrito por Fu-Kiau que tanto impressionou dona Joca. Kimbwandênde Kia Bunseki Fu-Kiau, nascido em Manianga, no interior da atual República Democrática do Congo, no ano de 1934, iniciou-se em três grandes escolas de pensamento tradicional bantu (Lêmba, Khimba e Kimpasi), assim como, mais tarde, ingressou numa relevante carreira acadêmica (nas áreas da Antropologia Cultural, Biblioteconomia e Educação), tendo, para tal, emigrado do seu país de origem em direção aos Estados Unidos. Desse modo, também teve acesso significativo ao sistema ocidental de pensamento (SANTANA) e passou a escrever obras em que sistematiza para nossos códigos clássicos o pensamento ancestral (e contemporâneo) dos povos bantu. Esse artigo lido por dona Joca foi traduzido por Makota Valdina e publicado pelo site da Associação Cultural de preservação do patrimônio Bantu– ACBANTU (Comunidades organizadas da diáspora africana Rede KÔDYA). O ano é incerto, mas o artigo original data de 2011. Fu-Kiau também esteve no Brasil, trazido pela Federação Internacional de Capoeira Angola – FICA em 1997 onde visitou rodas de capoeiras, terreiros e proferiu uma palestra que foi transcrita e pode ser encontrada nas redes. Entre um caso e outro temos essa interessante contraposição em que o pensamento bantu é sistematizado ora por um estrangeiro em missão neo-colonial (e por isso mesmo sua obra e intenções foram consideradas bastante controversas) e ora por um congolês em diáspora formado nos sistemas ditos tradicionais.

Além disso, na categoria que se classifica como filosofia africana existe também a área, por assim dizer, intitulada de “filosofia da sagacidade” (ou sabedoria) que justamente vai alegar de modo parecido ao de Tempels (inspirado por ele) que a filosofia africana está entre os chamados sábios. Segundo Kalumba “toda obra de filosofia da sagacidade envolve um filósofo profissional entrevistando alguma outra pessoa a que ele considera um sábio”. (KALUMBA, s.d., p.1), então, é possível que em nossas incursões futuras de pesquisa, a filosofia africana de

Dona Joca seja classificada como filosofia da sagacidade. Ainda é cedo para fazer essa afirmação sem as ressalvas que nos aparecem e no momento não são possíveis de desenvolver.

Gostaria de, por enquanto, situar Dona Joca ao lado da intelectual e makota (um cargo de muita responsabilidade dos chamados *candomblés* de Angola) Valdina Pinto, conhecida justamente como Makota Valdina. A trajetória das duas tem alguns pontos em comum e esta última nos diz no prefácio de seu livro “Meu caminhar, meu viver” que deseja que essa obra “ motive as pessoas, sobretudo as pessoas negras, a registrarem suas histórias, pois a história de vida de cada negra, de cada negro, a meu ver, é parte de uma história coletiva que ainda está por ser verdadeiramente conhecida por muitos e escrita por seus sujeitos.” (PINTO, 2015, p. 16). Ela também diz nessa obra e em várias de suas palestras e conversas disponíveis on-line que muita gente já falou sobre sua comunidade e que estava na hora de ser ela a falar. Assim ela resgata sua história e ao mesmo tempo estuda o pensamento de Fu-Kiau, a língua kikongo, produzindo artigos proferindo conferências sobre o pensamento bantu. Sua pesquisa é feita, como ela mesma diz, de dentro para fora, como sujeito do *candomblé* e não como quem tem o *candomblé* como objeto de pesquisa (PINTO, 2015, p. 157). Ela, da mesma forma que Dona Joca, ao ler os textos de Fu-Kiau, estabeleceu conexões com que vivenciava dentro do terreiro, enquanto iniciada. Fu-Kiau também, quando esteve no Brasil viu uma roda de capoeira angola e visitou terreiros e ficou muito emocionado ao reencontrar modos de fazeres e algumas canções. Algo parecido acontece com nossas/os estudantes africanos quando vamos visitar terreiros em minhas disciplinas, eles reconhecem algumas práticas como sendo muito semelhantes as que têm em sua terra natal. Obviamente que tudo isso é bastante complexo e requer cuidado para elaboração filosófica, mas temos aqui as conexões evidentes que nos impulsionam a seguir nessa busca. A Unilab é um lugar profícuo para uma pesquisa como essa por promover esse encontro na sua proposta de integração internacional. A oportunidade de trabalharmos com a mestra dona Joca é muito valiosa e esse trabalho pode ser também pensado como um projeto de pesquisa a ser feito por muitas mãos, no verdadeiro espírito de comunidade.

Por fim, registro aqui meu profundo agradecimento pela confiança de Dona Joca e aos *nkisis* e divindades todas por nosso encontro, sempre de muito aprendizado e afeto. Não saberia ainda como descrever o quanto tem sido marcante essa experiência, mas sei que, felizmente, a

comunidade Unilab sabe reconhecer a potência de sua presença entre nós. Agradeço também a todas e todos, estudantes, docentes e servidoras.res que têm contribuído para sua permanência na universidade, ajudando com os estudos, com os trâmites burocráticos, às professoras Cristiane e Eliane que farão parte de sua banca e à querida Marise Urbano, co-orientadora desse trabalho e produtora o filme “Essa é a minha filosofia”, sem sua dedicação exaustiva, cuidadosa, sábia e delicada, não teríamos chegado até aqui.

Elizia Cristina Ferreira

REFERÊNCIAS

FU-KIAU, Kimbwandende Kia Bunseki. **A sacralidade do mundo natural**. Tradução Makota Valdino Pinto. Disponível em:

<http://www.acbantu.org.br/img/Pdfs/sacralidadedomundonatural.pdf> (consultado em 01/03/2017 às 10:20)

_____. Palestra. Disponível em: <http://www.campodemandinga.com.br/2011/08/palestra-do-dr-fu-kiau-salvador-1997.html> (consultado 28/02/2017 às 20:15)

KALUMBA, Kibujo. **Filosofia da sagacidade: sua metodologia, resultados e significâncias para o futuro**. Tradução para uso didático de: KALUMBA, Kibujo. *Sage philosophy: its methodology, results, significance and future*. In: WIREDU, Kwasi (org.). *A companion to African philosophy*. Malden, Oxford, Victoria: Blackwell, 2004, p. 274-281 por Renato Rocha Lima Marques. Disponível em: [https://filosofia-](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/kibujjo_m_kalumba_-_filosofia_da_sagacidade_sua_metodologia_resultados_e_signific%C3%A2ncia_e_futuro.pdf)

[africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/kibujjo_m_kalumba -
_filosofia da sagacidade. sua metodologia resultados e signific%C3%A2ncia e futuro.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/kibujjo_m_kalumba_-_filosofia_da_sagacidade_sua_metodologia_resultados_e_signific%C3%A2ncia_e_futuro.pdf)
(consultado em 20/10/2018 às 14h19)

KODJO- GRANDVAUX, Séverine. *Philosophies africaines*. Mesnil-sur-l’Estrée: CPI Firmin-Didot, 2013.

NASCIMENTO, Wanderson Flor. Sobre os candomblés como modo de vida: Imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis. **Ensaio Filosófico**, Volume XIII – Agosto/2016

PINTO, Valdina Oliveira. **Meu caminhar, meu viver**/Sepromi. 2ª. Edição – Salvador, 2015.

TEMPELS, Placide. **A filosofia bantu**. Tradução de Amélia A. Mingas e Zavoni Ntongo. Luanda: Edições Kuwindula, 2016.